

SOMOS FILHOS DE DONA VIRGÍNIA

Carlos Cesar Marques Frausino

*Onde era Id, será Ego.
Onde era sertão, será Brasília.
Durval Marcondes*

Não conheci Virgínia Leone Bicudo pessoalmente, mas grande parte dos membros da Sociedade de Psicanálise de Brasília a conheceram e têm histórias com ela. Esse pequeno ensaio é um dos capítulos da minha história com Dona Virgínia, como é carinhosamente chamada em Brasília.

Além de exercer o *ofício* de psicanalista, Virgínia Bicudo foi educadora sanitária, visitadora psiquiatra, socióloga, professora universitária, divulgadora científica e protagonista de iniciativas na institucionalização, da divulgação e da interiorização da psicanálise no Brasil. Assim como Bicudo, o exercício de outros ofícios, as intensas atividades de divulgação da psicanálise e o enlaçamento com a cultura são traços comuns às biografias dos pioneiros na divulgação e institucionalização da psicanálise no Brasil e na América Latina.

Filha de Giovanna Leone, imigrante italiana, e Theófilo Júlio Bicudo, filho de escrava e criado por Bento Augusto de Almeida Bicudo, fazendeiro e produtor de café, liderança política estadual e um dos fundadores de *O Estado de São Paulo*, Virgínia nasceu em São Paulo, em 1910, na cidade de São Paulo.

Por meio do seu nome é possível apreender o contexto cultural e socioeconômico em que nasceu e viveu. Virgínia, Leone e Bicudo eram nomes, que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis distintos (o escravo, o imigrante, o do dono das terras), mas que no espaço urbano, uma nova estrutura e organização sociocul-

tural, perde-se essa nitidez e conformam os elementos de um novo ambiente cultural.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil e a cidade de São Paulo estavam em ebulição. Os brasileiros trocavam tiros e ideias, a aceleração e intensificação da urbanização do Brasil, há mudanças significativas na inserção da mulher na sociedade, a velha oligarquia agrário-exportadora perde a hegemonia política, ocorre a ascensão socioeconômica e política das classes médias etc.

A cidade de São Paulo, não possuía identidade – não era rural, nem urbana, nem industrial, nem europeia, nem americana, nem de negros, nem de brancos etc – mas em função da centralidade na dinâmica do complexo cafeeiro vivia um verdadeiro ‘frenesi’.

O cotidiano da cidade era movido pela dialética entre o novo e o arcaico, as pessoas se interessavam por tudo que era pautado pela ideia de modernidade e de vida cosmopolita. Uma sociedade que demandava o novo, buscava explicações para o presente e o passado não é mais uma referência para o futuro.

Esse contexto era extremamente fértil para o conhecimento e a difusão das ideias freudianas como elemento de compreensão dos movimentos sobrepostos em curso. Nas primeiras décadas do século XX, as ideias de Freud começaram a circular na imprensa, na faculdade de medicina, no meio intelectual e artístico etc. É nesse período que ocorre o cruzamento do ideário freudiano e o movimento modernista na cidade de São Paulo. O grande fato desse movimento foi a *Semana de*



Arte Moderna, realizada em 1922, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo.

Assim, a história de São Paulo, da psicanálise e do modernismo, no primeiro quartil do séc. XX, está intimamente associada à história de Virgínia Leone Bicudo. A cidade, que embalada pelos ventos de prosperidade, acolhia pessoas das mais diferentes origens em busca de oportunidades de prosperidade e de novas ideias que pudessem aportar conhecimentos para compreender uma sociedade em contínua transformação.

Em 1945, defendeu a dissertação de mestrado *Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que contrarresta mitos e visões que postulavam a existência de uma harmonia racial e de uma democracia racial no Brasil.

No estudo sobre as questões raciais, Virgínia tece uma ampla pesquisa acerca das relações sociais em São Paulo, por meio da interseção entre a sociologia, a antropologia, a psicanálise e a psicologia social, que destaca a mobilidade social, o preconceito de cor e a discriminação racial como traços de relevo na dinâmica da cidade. Evidências e experiências que estavam presentes na história de Virgínia e que promoveram marcas profundas na sua trajetória de vida.

Virgínia iniciou a formação psicanalítica e sua análise, em 1937, com a psicanalista alemã Adelheid Lucy Koch, recém-egressa da Alemanha, formada no Instituto de Berlin. Talvez tenha sido a primeira pessoa, a primeira mulher, a primeira mulher negra a deitar-se em um divã na América Latina.



Assim, Bicudo, com Durval Marcondes e outros, integra o grupo que edificou a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), reconhecida pela IPA, em 1951. Era a única mulher negra em um grupo predominante masculino, não tinha formação médica e possuía uma condição econômica bem menos abastada que os demais colegas do grupo. Também foi a única mulher na turma de oito formandos quando finalizou o curso de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Virgínia foi a primeira candidata *não médica* desse grupo. Vale registrar tal fato, pois deixará uma marca distintiva na formação de futuras gerações de psicanalistas, que perdura até hoje na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Sociedade de Psicanálise de Brasília: a formação de leigos. Tema que ressurge com vigor no Brasil e desperta a curiosidade de colegas de outros países da América Latina.

Em São Paulo, a institucionalização da psicanálise é um dos objetivos dos seus pioneiros, ainda nas primeiras décadas do século passado, por iniciativa de Durval Marcondes junto com Franco da Rocha e outros médicos e intelectuais, como Menotti de Picchia (advogado, escritor e pintor), fundou em 1927 a *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, em São Paulo, que durou poucos anos e, em 1928, a *Revista Brasileira de Psychanalyse* que teve apenas um número.

Bicudo também se dedicou a ampliação da presença da psicanálise no ambiente cultural e socioeconômico. Na década de 1950 teve um programa de rádio em São Paulo, escreveu uma série de artigos semanais em jornal de grande circulação e editou o livro *Nosso mundo mental*, em 1956, que é uma coletânea de parte dos artigos publicados no periódico. Utilizando-se desses meios de comunicação de massa, divulgou a psicanálise por meio da abordagem de temas como a educação infantil, questões emocionais do cotidiano entre outros.

Entre 1955 e 1960, já analista didata, viveu em Londres, onde fez análise, participou de

atividades na *Tavistock Clinic* e no *London Institute of Psychoanalysis* e teve estreito contato com Bion, a própria Melanie Klein entre outros.

Em São Paulo, Virgínia Bicudo esteve imersa, indiretamente, na eclosão e nos ecos do movimento modernista. Em Londres, viveu as repercussões das *Controvérsias* na Sociedade Britânica de Psicanálise e conheceu as ideias e as obras do *Grupo de Bloomsbury*. Em Londres e em São Paulo, esteve imersa em um ambiente multicultural constituídos por críticos ao funcionamento das respectivas sociedades e que influenciaram profundamente as artes plásticas, a literatura, psicanálise, a economia, a política etc.

Ao voltar de Londres, Virgínia Bicudo participou ativamente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e marcou o início de um novo ciclo na sua vida, se engajou em projetos de grande repercussão no cenário psicanalítico e assumiu, paulatinamente, posições de liderança na Sociedade e no movimento psicanalítico nacional.

Divulgou as ideias kleinianas e bionianas. Estruturou e foi diretora do Instituto da SBPSP por 14 anos; incentivou o relançamento da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, e promoveu o lançamento do *Jornal de Psicanálise*, em 1966, com o objetivo de divulgar os trabalhos dos candidatos e analistas do Instituto da SBPSP e incluiu no Instituto a formação de analistas de crianças e adolescentes. Edificou os pilares da futura Sociedade de Psicanálise de Brasília e lançou a *Revista Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*.

Ademais, ao longo do período que esteve à frente do Instituto difundiu o modelo de formação britânico, com ênfase nas ideias kleinianas, pois, até então, o modelo predominante era inspirado no Instituto de Berlin, centrado no estudo das obras de Freud. O que inspira e inspirou vários programas de formação de Institutos.

Defendia e postulava, também, que a formação dos psicanalistas deveria ser multidisciplinar e imersa na tradição huma-

nista, em sintonia com as ideias freudianas em *A questão da análise leiga* (1926). Em 1966, como diretora do Instituto propôs a inclusão de 10 disciplinas de cultura geral na formação: antropologia, religião, filosofia, arte, mitologia, psicoterapia de grupo, psicanálise de crianças, genética aplicada ao homem, neurofisiologia, metodologia científica. A ideia não prosperou, um dos argumentos que contrariava a alteração foi a possível sobrecarga de trabalho aos candidatos...! Em entrevista publicada no *Alter*, em setembro e dezembro, de 1976 (os grifos são meus), Virgínia afirmou:

O fator isolamento [do psicanalista] [...] é anacrônico e restritivo no sentido de não contar com as vantagens de um trabalho em concerto interdisciplinar. Freud pensou psicanaliticamente sobre assuntos referentes à biologia, arte, religião, antropologia, sociologia. Desta abertura mental, os psicanalistas foram retirando-se cada vez mais, com uma atitude restritiva com repercussões até na seleção de candidatos, limitando-a quase que exclusivamente aos médicos. *Quanto aos prejuízos desse isolamento de casta, nos defrontamos com um acervo de conhecimentos desprovidos de uma sistemática metodológica e com a perda de colaboração de elementos capazes de valiosas contribuições.*

A fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) foi outro dos seus legados institucionais. Constituiu-se em um vetor da interiorização e difusão da psicanálise no Brasil e permitiu que vários brasileiros se beneficiassem do método psicanalítico. Um país de dimensões continentais, em que a psicanálise ficou historicamente concentrada em três centros: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, mas que felizmente e atualmente está presente em outras localidades do interior e do país.

As ideias da fundação da SPBsb originaram-se no período londrino de Bicudo, no

qual acompanhou a construção de Brasília. Apesar da distância, o estreito vínculo com o país permanecia e a construção da cidade a instigava. Como ela afirma em entrevista, em 1989, à equipe do *Jornal de Psicanálise*, da Sociedade de São Paulo, no número 44:

Eu estava em Londres quando construíram Brasília. Durante esses anos a BBC mensalmente publicava o crescimento de Brasília. Acompanhei o desenvolvimento com muito entusiasmo. Voltei [ao Brasil] e na primeira semana fui ver Brasília. Vi aquele horizonte aberto, naquela esplanada e pensei “... eu quero vir para Brasília algum dia.” [...] Mas quis primeiro trazer para São Paulo o que aprendi em Londres. [...] O que acontecia em Brasília era uma migração de gente: os candangos, o pessoal do governo, gente do estrangeiro... Eu pensava “...está havendo um verdadeiro *melting pot* cultural e a psicanálise será muito importante nesta cidade. [...] Pensei em levar a psicanálise à capital do país e acho que foi acertado.

As ideias de Virgínia e a preocupação em levar a psicanálise para Brasília talvez acalentassem o sonho que o exercício da psicanálise na Capital também pudesse “tratar” e humanizar o governo, o poder. Talvez, ainda, um sonho! No entanto, é um fato que várias pessoas que ocupam/ocuparam altos postos no Estado e no governo se beneficiaram da psicanálise.

Em 1970, Bicudo está no Distrito Federal e inicia a concretização do sonho de levar a psicanálise para “aquele horizonte aberto” por meio do início da formação da primeira turma de candidatos de Brasília que dará origem à futura Sociedade formada por Caiuby Marques Trench, Humberto H. de Souza Mello, Luiz Meyer, Ronaldo Mendes de Oliveira Castro, Stela Maris Garcia Loureiro e Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva. Ronaldo Castro e Tito Nícias participam ativamente da dinâmica societária e

do instituto de psicanálise que leva o nome de Virgínia Leone Bicudo.

As preocupações com a divulgação da psicanálise continuaram em Brasília, criou a *Alter*, o primeiro número foi publicado em outubro de 1970 e perdura até os dias de hoje, como veículo da divulgação da produção dos membros e candidatos da SPBsb e da comunidade psicanalítica. É um patrimônio da comunidade psicanalítica brasileira. Tive o prazer e a honra de ser editor da revista.

Ao longo de mais de uma década, Virgínia Bicudo se dividiu entre São Paulo e Brasília e, na companhia de outros psicanalistas paulistas, junto com colegas de Brasília construiu a Sede-Brasília do Instituto de Psicanálise da SBPSP, embrião da futura Sociedade. A condição de Sociedade Componente da IPA ocorreu, somente, em 2004, no Congresso de Nova Orleans.

Virgínia trabalhou intensamente em Brasília até 1984 e faleceu em 2003.

Na trajetória de constituição desse novo núcleo de psicanálise distante da sede da SBPSP, Bicudo inovou institucionalmente no funcionamento das instituições de formação, como me contou Ronaldo Mendes de Oliveira Castro. O deslocamento do analista didata da cidade sede do seu Instituto, em outra cidade (São Paulo) para a localidade de residências dos seus analisandos (Brasília) para a realização de análise de formação e a instituição da *análise didática condensada* foram novos dispositivos da formação criados por Virgínia.

O trabalho e os sonhos de Virgínia germinaram, deram frutos e ganharam maturidade e notoriedade. Hoje a Sociedade de Brasília é composta por 56 membros e 48 candidatos, com estreitos laços – teóricos, clínicos e culturais – com o cotidiano do Distrito Federal e com a comunidade psicanalítica brasileira, latino-americana e internacional.

Virgínia também foi uma fértil autora psicanalítica. É autora de uma vasta produção bibliográfica, com assiduidade e volume de produção incomparável a maioria dos psicanalistas de sua época e contemporâneos, mas infelizmente ainda não há uma sistemati-

zação dos seus artigos e trabalhos publicados e apresentados em congressos e seminários. Uma tarefa por realizar!

A história de Virgínia Bicudo é a biografia de uma mulher incomum, dotada de uma profunda sensibilidade para compreender a condição humana e suas dores, com uma intensa e singular capacidade de transformar experiências de vida em ações transformadoras e na produção de conhecimento. Na sociologia e na psicanálise, estudou as relações do homem com a cultura, as relações interpessoais, intrapsíquicas e interpíquicas, e viveu e estudou, como poucos, parcela das mazelas da sociedade brasileiras: os não tão silenciosos preconceitos de classe, gênero e de raça.

Ela *inscreveu* seu nome na história da cultura brasileira e na história da psicanálise!

Somos filhos de Virgínia Leone Bicudo!

* Uma versão ampliada desse texto foi publicada na Revista *Calibán*, Volume 16, nº2, 2019.



Carlos Cesar Marques Frausino é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília, mestre pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, professor do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Centro Universitário de Brasília - UniCeub, ex-editor da Revista *Alter* da SPBsb.